

Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo



Except where otherwise noted, content on this work is licensed under a Creative Commons license : Attribution-NonCommercial-NoDerivs 4.0 Generic. Fonte: <http://hdl.handle.net/2117/336454>. Acesso em: 12 fev. 2022.

REFERÊNCIA

CRUZ, Layara Alves; TENORIO, Gabriela de Souza. A cidade à noite: uso e apropriação de espaços públicos no período noturno. *In*: SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN URBANISMO, 12., 2020, São Paulo-Lisboa. **Anais** [...]. São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020. DOI: 10.5821/siiu.9831. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2117/336454>. Acesso em: 12 fev. 2022.

A CIDADE À NOITE

Uso e apropriação de espaços públicos no período noturno

THE CITY AT NIGHT

Use and appropriation of public spaces at night

A. Layara Alves Cruz & B. Gabriela de Souza Tenorio

Universidade de Brasília, Brasil

layaraalves.arq@gmail.com

gabrielastenorio@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, realizou-se uma pesquisa do tipo “estado da arte”, em que se procurou identificar a produção acadêmica com discussões acerca do uso e apropriação de espaços públicos no período noturno, tangenciando os estudos urbanos, produção dos espaços e a vida urbana. Questiona-se como esses temas vêm sendo abordados na relação de espaço físico estruturado para a vida noturna. Como procedimento metodológico, procurou-se identificar produções acadêmicas de teses, dissertações e artigos dos últimos 16 anos, com consulta em banco de dados, especialmente na plataforma Scielo. Os resultados apontam que a preocupação com a vida noturna vai além de aspectos relacionados à infraestrutura, como iluminação e segurança – incorporando pontos referentes a lazer, economia e mobilidade noturna – ampliando as atividades para além da boêmia. Infere-se lacunas na abordagem dos espaços públicos e os conflitos com diferentes usos na noite urbana capazes de direcionar novos estudos.

Palavras-chave: Espaços públicos, vida noturna, Estado da arte.

Linha de Investigação: 1: Cidade e projeto, Projeto urbano e espaço público.

ABSTRACT

In this work, a state-of-the-art research is seeking to identify academic discussions surrounding the use and appropriation of public spaces at nighttime. The discourse encompasses urban studies, the construction of common spaces, and urban life, and delves into how the themes are being discussed in relation to physical space and the structure of public nightlife. As a research method, the author peruses academic database platforms, most notably, Scielo, and gathers academic theses, dissertations, and articles published within the last 16 years. The research findings indicate that the concern with nightlife goes beyond aspects related to infrastructure, such as lighting and security. In addition, leisure, economy, and night mobility are also identified as key concerns when discussing the theme. The evidence conveys that the activities are broadening beyond its bohemian uses. The intersectionality between public spaces and the distinct uses of urban during nighttime will lead to avant-garde studies.

Keywords: Public spaces, Nightlife, State of the Art.

Research line: City and project.

Topic: Urban design and public space

Introdução

Em 2014, na cidade de São Paulo, foi realizado o Seminário da Noite Paulistana, por iniciativa do grupo interdisciplinar Colaboratório e da Secretaria Municipal de Cultura. A partir dele, foi produzido um material chamado Manifesto da Noite, no qual se colocou em pauta a importância da noite para as cidades a partir da temporalidade e a diversidade, entre outros temas. O discurso traz para o diálogo as transformações das cidades com atividades que se mantêm em torno de 24 horas, com a internet conectando pessoas sem distinção de turnos ou fusos horários. “Diante dessas transformações que redefinem a noite para além do repouso social na esfera privada” (Colaboratório, 2014: 43) e modificam o modo como nos relacionamos com o espaço e o tempo na cidade, fica o convite quanto à urgência de inserir a noite nos debates do planejamento urbano.

As crescentes discussões sobre a apropriação dos espaços de caráter público nas cidades, tão recorrentes e necessárias no meio acadêmico e ao debate público, evidenciam uma necessidade de aprofundar o diálogo para os aspectos associados à sua ocorrência no período noturno, envolvendo diversas áreas do conhecimento para ampliar e articular as reflexões sobre essa questão. Esse anseio corrobora o entendimento de que a noite vai além de um período cronológico, mas se define também pela disposição de uma vida social que surge com a possibilidade de extensão das atividades para depois que o sol se põe, a partir de uma série de elementos característicos que, se elencados, podem contribuir no desenvolvimento do planejamento urbano.

Se, por um lado, os espaços públicos nas cidades são fundamentais para a manutenção da vida urbana, a noite revela novas possibilidades para ocupar a cidade, e essas relações estão em constante mudança a partir da percepção de que, de forma cada vez mais efetiva, as cidades ampliam a disponibilidade de serviços e atividades que impactam no modo como as pessoas relacionam-se entre si e com os espaços nela produzidos. A manutenção dessas atividades depende direta e indiretamente de uma série de fatores que envolvem aspectos físicos, sociais, econômicos e culturais que suscitam na vida noturna.

A inquietação pela temática parte em compreender os processos que envolvem a produção e ocupação dos espaços de caráter público à noite, no contexto urbano. Assim, buscou-se perceber as interfaces entre os hábitos desenvolvidos no período noturno nos espaços públicos e seus possíveis desdobramentos, compreendendo quais são os aspectos recorrentes nas discussões que desenvolvem essa questão e as lacunas existentes para a continuação ou desenvolvimento de novos estudos. Posto isso, questiona-se como esses temas da relação de espaço físico estruturado para a vida noturna vêm sendo estudados. Como procedimento metodológico, procurou-se identificar a produção acadêmica de teses, dissertações e artigos dos últimos 16 anos, com consulta em banco de dados, especialmente na plataforma Scielo, na procura das palavras-chave: noite, espaços noturnos, usos noturnos e vida noturna. Informações adicionais foram pesquisadas em jornais eletrônicos e, a partir da leitura desses documentos, foi necessário categorizar, agrupando em temas e descartando aqueles que não tinham correlação com a estruturação do espaço físico. Após organizadas, essas informações permitiram a contextualização da temática diante da produção acadêmica.

1. Da mudança de hábitos ao uso noturno

O sol se põe e as cidades anoitecem. Novos ruídos, uma agitação diferente, um outro ritmo, há exibição de novos contextos. Há várias cidades em uma mesma noite: a que trabalha, a que se diverte, a que descansa e dorme. Da desconstrução da noite como temida, sombria, coberta de perigos, imoral à naturalização da continuidade das atividades, à socialização, e à boêmia, há um longo percurso, e no início dele está a luz.

1.1. Iluminação

Como descrito por Alves (2005), a noite esteve sempre no imaginário popular relacionada a todos os perigos, insegurança, criminalidade e desconforto. Na ausência do sol e presença da noite, as pessoas refugiavam-se em casa, sendo os espaços públicos desfrutados na existência de luz artificial produzida pelo fogo, a exemplo das fogueiras, ou quando a luz natural, o luar, o permitia.

O controle e difusão da iluminação artificial foi um fator indispensável à viabilização e crescimento do uso da cidade durante a noite. Na proporção em que a luz artificial era implantada, ela proporcionava outros olhares para as cidades e novas interações entre as pessoas e os espaços públicos (Góis, 2011), uma vez que ela interfere na maneira como as pessoas interpretam os espaços (Miguez, 2005). De fato, esse foi um fator essencial à vida noturna. No entanto, a busca por cidades iluminadas parte da inquietação em dispor de um controle social, bem como uma medida de preservação. “A preocupação com a segurança talvez tenha sido o primeiro incentivo para a criação de meios de iluminação pública. Apropriar-se da noite tornou-se uma medida indispensável para o comportamento dos habitantes das cidades” (Góis, 2011: 17).

Como observado por Derze (2018: 172), o advento da luz artificial “alterou o ritmo de trabalho e lazer, e o modo de desfrutar os espaços e o tempo”. Na medida em que há possibilidade de extensão das atividades laborais, a noite ganha lugar de destaque para os momentos de ócio e diversão.

Para Monteiro (2018: 27), foi na sociedade industrial que o lazer noturno passou a ser incorporado à vida urbana. Em meio às jornadas diárias de trabalho, era nesse tempo livre de “escape e descompressão” que as pessoas usufruíam da vida notívaga.

Os relatos descritos por Góis (2015) para a cidade do Rio de Janeiro, na época do Império, declaram a existência de ações desenvolvidas na tentativa de regular as atividades noturnas e, conseqüentemente, as práticas no espaço público. A intenção era inibir comportamentos indesejados, principalmente próximos aos locais onde agrupavam atividades tidas como nobres.

A ideia inicial parecia ser transformar a noite em dia, como se a civilidade da vida diurna pudesse ser transportada para as fronteiras da noite. Este processo não se daria somente a partir de uma insistente perseguição às práticas transgressoras, mas também, de forma complementar, a partir de mudanças na própria forma da cidade. Desse modo, a modernidade [...] seria um dos meios de manifestação dos valores conservadores da sociedade carioca de então (Góis, 2015:48).

Entre tensões e conflitos, visto o impasse entre tempo, espaço e práticas sociais, as apropriações dos espaços abertos à noite resultaram, e resultam até hoje, em diversos embates. Por muito tempo, a ocupação noturna dos espaços públicos foi associada à segurança oportunizada pela iluminação artificial. Como sugerido por Gehl (2013), podemos abordar a segurança no espaço urbano sob dois aspectos: por um lado, em relação ao tráfego e, por outro, como prevenção à criminalidade.

No primeiro ponto é importante esclarecer que viabilizar a segurança para circulação é uma necessidade básica dos sistemas de iluminação pública. Para as pessoas, é fundamental que sejam garantidos os níveis de visibilidade, sendo perceptível a presença de obstáculos, veículos e até mesmo outros transeuntes. Ou seja, durante a noite é fundamental que a luz sirva como um meio de orientação para os pedestres, permitindo a identificação de diversos elementos urbanos (Mascaró, 2006).

De outro modo, quando a iluminação é posta como meio de proteção e contenção da criminalidade, gera grandes discussões e dividem opiniões; Carvalho (2016) demonstra, em sua pesquisa, a posição de alguns autores que questionam a ausência e comprovação de dados para sustentar a afirmação que, de fato, os investimentos na iluminação pública sejam capazes de reduzir os índices de criminalidade. Como exposto, o que as investigações sugerem são uma “redução do medo dos que trafegam pelas ruas mais bem iluminadas”. Ou seja, prevalece uma percepção ambiental muito mais associada à cultura do medo presente em países vitimizados pela violência urbana do que uma efetiva resposta em termos de combate à criminalidade (Pepe, 2007, apud Carvalho 2016: 54)

Sabidamente, Jacobs (2007: 43) traz uma reflexão sobre a questão da segurança atribuída à iluminação: “as luzes da rua podem ser comparadas àquela famosa pedra que cai num deserto onde não há ouvidos para ouvi-la. Será que faz barulho? Sem olhos atentos para enxergar, a luz ilumina? Para fins práticos, não.” E de fato, a iluminação por si só não protege as pessoas do perigo da violência. Como colocado, nada adianta a presença da luz, sem a presença das pessoas ocupando o espaço.

Iannicelli, ao destacar as orientações de Jacobs, observa que “a segurança da rua depende de uma base econômica e, para esta existir, é necessário o movimento de pessoas que é gerado através de usos principais combinados” (Iannicelli, 2016: 25). De fato, a circulação de pessoas nas ruas pode ser ativada pelas atividades comerciais e a diversidade de uso, e isso traria mais segurança aos espaços públicos à noite.

1.2. Atividades

Com a concretização de uma sociedade que não para, as atividades atravessam o dia e, progressivamente, se naturalizam ao ambiente noturno. Na cidade contemporânea, a noite já não pode ser rotulada com o único propósito de lazer e diversão; os usos estão sendo incorporados entre os sete dias da semana e se expandem entre práticas econômicas, culturais, educacionais, institucionais e recreativas.

1.2.1. Lazer, cultura e entretenimento

É fato que a sociedade de consumo tem, na vida noturna, terreno fértil para o desenvolvimento de atividades econômicas que, em muitas circunstâncias, funcionam como um atrativo e impulsionam o uso urbano. Com efeito, não se pode ignorar a relevância da economia noturna para o entretenimento e o lazer.

Ao introduzir a economia noturna, Iannicelli (2016) cita conceituações essenciais. A princípio, “a economia noturna [...] se refere à gama de atividades de lazer e de experiências associadas a padrões noturnos de socialização e entretenimento, incluindo beber, comer e a prática criativa” (Hannigan, 1998 apud Iannicelli 2016: 21). Enquanto para Lovatt & O'Connor (1998) “a economia noturna é uma impressionante manifestação da intrincada e dinâmica relação entre as economias sociais, culturais e materiais das cidades com ênfase no estilo de vida e lazer” (Lovatt & O'Connor, 1998 apud Iannicelli 2016: 21)

Sobre as práticas socioeconômicas, Góis (2014) expõe a associação negativa aos centros urbanos quanto a sua utilização à noite, as consequências do medo, criminalidade e seus desdobramentos para a economia e a utilização dos espaços públicos à noite.

Crime e violência parecem ter sido associados, nas décadas de 1960 e 70, a um momento (a noite), a um lugar (o centro) e a um tipo de público (os jovens pobres). [...] O medo de estar na área central durante a noite parece, no entanto, ter alimentado um subsetor da economia urbana, com atividades marginais como bares ilegais, prostituição, alojamentos em *squatters*, e espaços para o consumo de drogas. O uso dos espaços públicos foi reduzido, especialmente com a diminuição da presença de mulheres, crianças e idosos (Melbim, 1978; Talbot, 2006 apud Góis 2014: 223)

Os investimentos para a realização de atividades de lazer no centro das cidades, com estímulo à economia notívaga, simbolizam estratégias contra a crise que afastavam as pessoas dos centros urbanos à noite com ações por parte do poder público e a iniciativa privada (Góis, 2014). Sobre esse tipo de intervenção, Góis (2014) apresenta os projetos implantados na cidade do Rio de Janeiro, entre 1993 e 2000, que beneficiaram o período noturno: o programa Rio Cidade, Corredor Cultural Carioca e o Projeto Rio Orla. As estratégias voltaram-se para áreas centrais dos bairros, intervenções no espaço físico da Lapa e os calçadões das praias. Cada local recebeu um tratamento estratégico, ora incentivando o desenvolvimento de atividades de comércio e lazer, ora com reestruturações físicas abrangendo o transporte, acessibilidade, iluminação pública, ou usos controlados com o fechamento de ruas em horários de maior fluxo de pedestres, alcançando, com essas reestruturações urbanas, a valorização dos espaços públicos.

Monteiro (2018) corrobora ao considerar o uso noturno como uma oportunidade de monetização, visto que a utilização da cidade à noite e o incentivo às atividades econômicas podem acompanhar o processo dinâmico de transformação das cidades. Assim estimulam, reavivem, ou seja, podem servir de estratégia para revitalização dos centros urbanos.

Continuamente, a economia noturna desponta em um cenário “pós-industrial” e agrega na sua produção atividades que misturam inovação, cultura e conhecimento, ao que os pensadores expõem no Manifesto da Noite como “economia criativa”. Para o Colaboratório (2014), a noite pode ser vista como uma “nova fronteira”, com grande potencial para abrigar atividades culturais e de lazer.

Um dos casos mais famosos é o do túnel que passa embaixo da Praça Roosevelt, centro de São Paulo, passagem para o viaduto do Minhocão. Fechado todas as noites para o trânsito de automóveis, o espaço começou a ser usado por coletivos artísticos e musicais para promover festas, e foi batizado de “Buraco da Minhoca”. [...] Muitas atividades ainda são realizadas ali, tornando o “Buraco da Minhoca” uma cena noturna que tem ganhado cada vez mais visibilidade pública pela produção artística e cultural (Colaboratório, 2014: 95 e 97).

Como relatado, a ocupação do túnel sob a Praça Roosevelt demonstra que essa articulação entre cultura e lazer pode levar a novas formas de apropriar o espaço público e vivenciar a vida noturna.

1.2.2. Outras atividades

Por outra perspectiva, Colchete Filho et al. (2013) expõem no estudo feito para Juiz de Fora, Minas Gerais, a dinâmica que levou ao surgimento de diversas atividades em bairros da cidade, distantes da área central, oportunizando os chamados “subcentros”. Como relatado, além de empreendimentos do ramo alimentício ou de lazer, é possível encontrar supermercados e hospitais abertos 24 horas.

O Alto dos Passos conta ainda com um posto de gasolina (instalado antes mesmo do McDonald's) e com um supermercado, ambos de funcionamento 24 horas [...] O supermercado conta também com um conjunto de lojas, dentre as quais uma drogaria, cujo horário de funcionamento é de 24 horas também. As instalações desses tipos de comércio se relacionam com as modalidades de serviço noturno que se localizam nas imediações: a Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, o maior hospital da Zona da Mata; o Hospital de Pronto Socorro Dr. Mozart Teixeira; a Casa de Saúde HTO e estações de rádio (Colchete Filho et al. 2013: 8).

Com essa colocação, nota-se que o uso das cidades à noite também está vinculado a outras práticas, ao exemplo citado dos estabelecimentos de saúde, que têm o seu funcionamento contínuo e ocasionam a concentração de pessoas tanto para trabalhar, nas jornadas de plantões, quanto para a utilização dos serviços. Posto isso, é preciso estar atento ao processo natural que desperta da centralização de algumas tipologias, atividades ou serviços no horário noturno, visto que eles demandam reestruturações e impactam na infraestrutura, bem como nas atividades secundárias que eventualmente possam surgir a partir deles.

Colchete Filho (2013) aponta que os estabelecimentos comerciais noturnos imprimem uma característica “emergencial”, observando a relação da procura e oferta e demonstram o estilo de vida contemporâneo, com a sobreposição de atividades e novas demandas para gerenciamento do tempo, incentivando que algumas atividades cotidianas sejam programadas à noite. Assim, farmácias, supermercados, academias, borracharias, postos de combustíveis e lojas de conveniência costumam permanecer abertos após o horário “comercial”. De maneira análoga, algumas atividades e serviços indispensáveis ao período noturno contribuem para a manutenção de um “mercado consumidor” à noite, observando o fluxo de pessoas geradas por usuários e trabalhadores de “hospitais, hotéis, gráficas, estações de comunicação, empresas internacionalmente conectadas com fusos horários diversos, trabalhadores de bares, restaurantes, teatros etc.” (Vargas, 2006, apud Colchete Filho et al. 2013: 3)

Semelhante a esse processo, é crescente o aumento do fluxo de pessoas que utilizam os horários à noite para o desenvolvimento de atividades educacionais. Essa é uma situação comum ao “aluno trabalhador”. O jornal eletrônico Nexo, em 2020, apresenta dados que reforçam o problema. Em 2016, o INEP apontou que cerca de 1,8 milhão de alunos inscritos no ensino médio estudavam à noite. Nas universidades brasileiras, os cursos de graduação presencial apresentam mais estudantes no período noturno em relação aos cursos diurnos, conforme o Censo da Educação Superior 2018.

1.2.3. Desdobramentos e conflitos

Nas cidades contemporâneas, as atividades respondem a demandas específicas em que os serviços são ampliados, acarretam modificações e ressignificam a interação com o espaço físico. Algumas transformações são efetuadas com pequenas intervenções no mobiliário, como o exemplo do caso demonstrado em Ituiutaba, Minas Gerais, no qual Ferreira (2016) relata a rotina de um restaurante localizado em uma das ruas da

cidade que costuma ocupar o canteiro central com mesas e cadeiras como uma estratégia para aumentar o espaço físico. Para o autor, práticas como essas são comuns, já que se repetem em praças e calçadas em vários locais da cidade à noite.

No entanto, se, por um lado, extensões para o espaço público de atividades comerciais, de entretenimento, cultura e lazer trazem mais presença nas ruas e calçadas e, conseqüentemente, favorecem a vigilância informal e a sensação de segurança, por outro, podem provocar conflitos com outros usos, a depender das características do bairro onde ocorrem. Isso é especialmente importante quando está em foco a preponderância do uso residencial ou educacional na vizinhança. O ruído, por exemplo, pode ser um grande incômodo aos núcleos residenciais localizados próximos a áreas de bares e boates com uma agitada vida noturna. Se não há o estabelecimento de regras, consenso ou tolerância, os confrontos entre moradores e boêmios podem repercutir na fuga dos moradores para outras áreas ou até mesmo expulsar os estabelecimentos de uso noturno para locais mais afastados do tecido urbano (Gwiazdzinski, 2005).

Na prática, há uma série de espaços nas cidades subutilizados com grande potencial para o uso, inclusive à noite. Embora os conflitos possam acontecer, todo esse potencial gerado pela diversidade de usos ativam a noite urbana, sendo essencial à constituição da vida pública.

1.3. Mobilidade

Com a expansão das atividades e o estabelecimento de uma vida noturna, as cidades permanecem em movimento e o modo como circulamos, as possibilidades de deslocamento, impactam na apropriação da cidade à noite e, conseqüentemente, o acesso e o uso dos espaços públicos. A discussão remete às fragilidades do transporte público e às extensões de deslocamentos que, amparada pelos estudos de Góis (2018) na cidade do Rio de Janeiro, apontam questões substanciais à nossa investigação.

Como apresentado pelo autor, o ponto da mobilidade noturna está na redução do transporte público após o horário de pico, em torno das 20 horas. Em algumas situações, é comum utilizar esse período para manutenções, ocasionando a diminuição dos serviços ou a sua interrupção (Fig. 1). Para ele, “esta oferta também se encontra desproporcionalmente distribuída em toda a cidade, resultando em diferentes estratégias espaciais associadas aos lugares de lazer, trabalho e moradia” (Góis, 2018: 267).

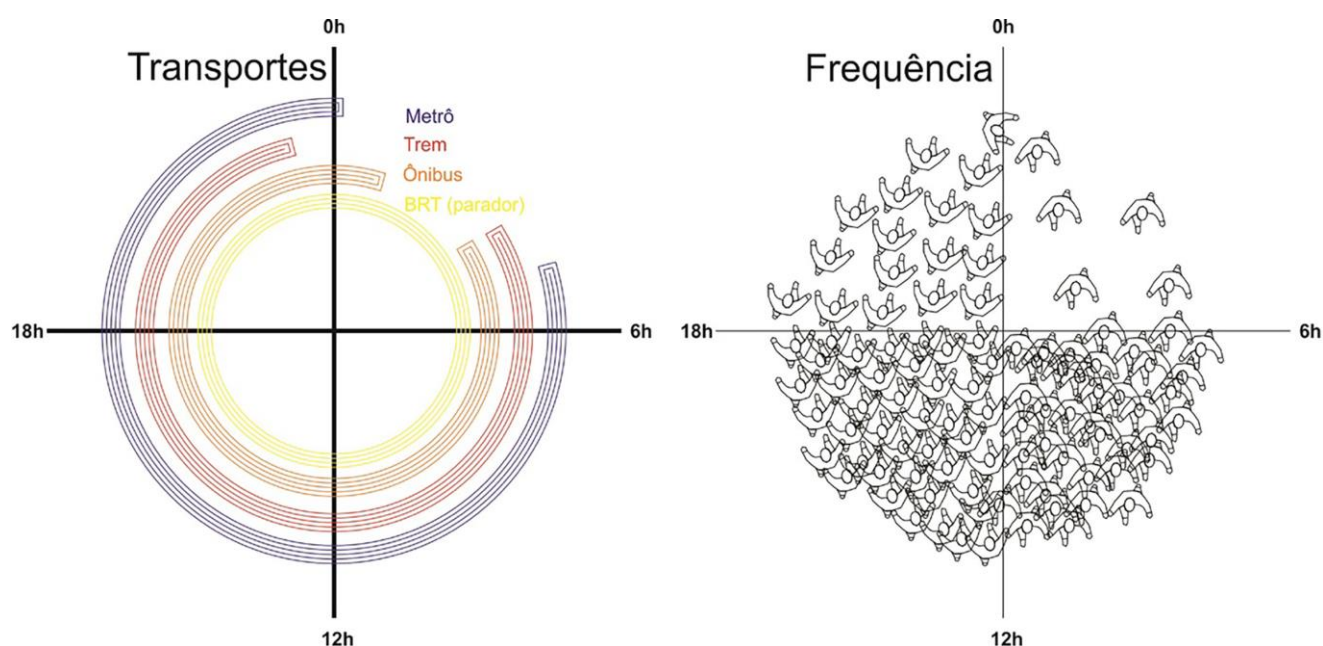


Fig. 1 Cronotopias (relógios gráficos) para a frequência de usuários e de transportes. Fonte: (Góis, 2013, pág 267)

O Manifesto da Noite (2014) contempla um ponto essencial ao falar sobre o sistema de transporte em São Paulo: na madrugada, o transporte costuma ser restrito a veículos particulares como carros e táxis. Assim, despesas com estacionamentos ou tarifas de táxis devem ser consideradas, sendo essa uma alternativa que reflete em altos custos, nem sempre acessíveis a um grande número de pessoas. “Quanto mais o cidadão tem que gastar para se deslocar, menos ele gasta com cultura e lazer. Na maioria das vezes, esses custos se apresentam como fator limitador, e até anulador, do acesso à cidade à noite” (Colaboratório, 2014: 191 e 193). De fato, o problema da mobilidade implica diretamente no direito das pessoas a participarem da vida pública noturna.

Situações como essa são comuns nas cidades brasileiras. Dias (2017), ao falar sobre Salvador, descreve a realidade das famílias de regiões fragilizadas na capital baiana que, condicionadas ao transporte público, contam com a colaboração da vizinhança para lidar com a ausência dos serviços em diversas situações. O autor relata um episódio em que, na ocorrência de um evento artístico sediado no centro da cidade, os moradores chegaram a se organizar em “caravanas” noturnas para viabilizar seu deslocamento.

Até aqui fica claro que a mobilidade noturna impacta em diversos pontos em uma cidade. Como enfatizado, “uma das questões que mais evidencia a discrepância entre o acesso à cidade de dia e de noite é a **MOBILIDADE URBANA**. A infraestrutura para a circulação de pessoas durante o dia, mesmo que seja insuficiente e apresente superlotação, é substancialmente maior que durante a noite” (Colaboratório, 2014: 191, grifo no original)

É importante salientar, ainda que seja uma constatação lógica, que as atividades desenvolvidas à noite demandarão novas articulações, uma vez que a cidade enfrentará novas demandas de deslocamentos a partir de diferentes necessidades.

A noite possui os seus próprios circuitos ou, de outra maneira, com o avanço da noite novos circuitos são formados a partir de novos interesses sociais. [...] A entrada da noite parece contribuir para mudanças na organização interna dos fluxos e das concentrações no tecido urbano, estabelecendo novas centralidades, novos ritmos e novas estratégias de circulação (Góis 2018: 269).

Em seus estudos, Góis (2018) concentra sua investigação aos deslocamentos relacionados às atividades de lazer e expõe três fatores fundamentais para as análises: primeiramente, a densidade; em segundo, a frequência e, por último, as centralidades ocasionadas pelas atrações noturnas. A partir desses pontos, o autor demonstra graficamente (Fig. 2) que há uma maior circulação de pessoas nos finais de semana em alguns locais na cidade do Rio de Janeiro.

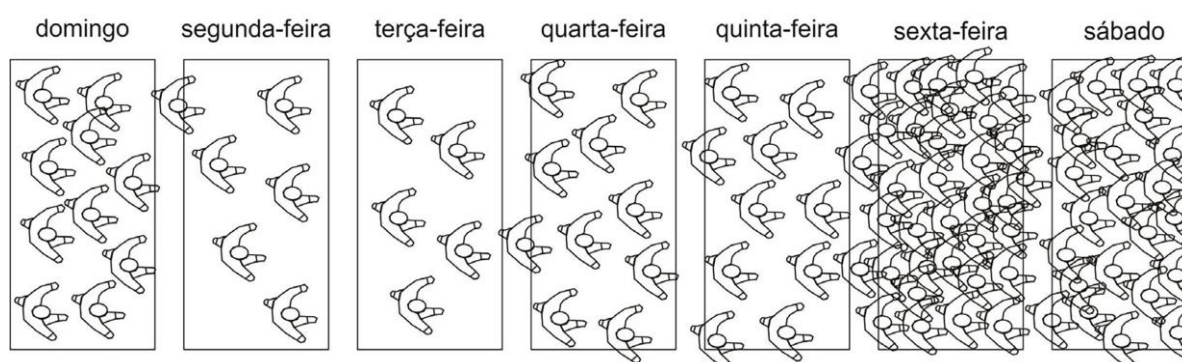


Fig. 2 Frequência de pessoas nos espaços públicos à noite ao longo da semana. Fonte: (Góis, 2018: 270).

Se, na maior parte dos estudos da noite, o tema da mobilidade urbana surge como um elemento secundário, menos frequente ainda é a correlação com a configuração urbana. Em geral, o foco maior é nos sistemas de transporte. Furquim (2016), ao falar sobre a boêmia em Brasília, narra um dos pontos de encontro noturnos da cidade com relevante destaque no contexto urbano. Trata-se do Bar Beirute que, como descreve o autor, “resiste” diante da sua localização no comércio local da quadra 109 da Asa Sul no Plano Piloto, visto que a área foi previamente planejada por Lúcio Costa para abrigar as atividades comerciais de vizinhança, claramente diurnas.

Mesmo não sendo o foco de interesse, o autor nos presenteia com uma narração importante e nos apresenta um ponto fundamental, o desenho urbano e sua influência no modo como as pessoas se deslocam nesse trecho da cidade.

Chegar ao Beirute é outra questão interessante. Primeiramente, os encontros, em geral, são programados e muitas pessoas marcam de se encontrar ali ou em algum lugar próximo para chegarem juntas ao bar. Seguindo a lógica rodoviária da

cidade, o carro é usado pela maioria dos seus frequentadores. Em partes, isso é facilitado pela própria disponibilidade de estacionamento no local à noite, uma vez que as várias lojas de material elétrico encontram-se fechadas neste período. Por outro lado, muitos dos percursos potenciais para que pedestres cheguem ao local são descontínuos, possuidores de obstáculos e inseguros. Um exemplo disso aparece no Eixo Rodoviário [...], localizado próximo ao bar e que se configura como uma enorme barreira aos pedestres, transponível basicamente por passagens subterrâneas (muito evitadas à noite devido à sua insegurança) ou pelas passagens criadas pelo metrô (Furquim, 2016: 09).

Fica evidente que a morfologia urbana, por impactar diretamente no modo como as pessoas se deslocam nos centros urbanos, deve ser um aspecto a se observar para a viabilização do acesso e circulação dos transeuntes nas cidades, visto que o desenho urbano pode favorecer, inibir ou elitizar a circulação de pedestres em alguns pontos da cidade, devendo este ponto merecer maior destaque nas discussões de mobilidade noturna.

Considerações finais

Foram consultados 35 documentos entre artigos, dissertações e teses. Após analisados, foram selecionados 3 teses, 2 dissertações e 11 artigos para compor este estudo. Dos autores considerados, alguns temas não foram mencionados, como aspectos simbólicos e conflitos sociais.

A conquista da noite traz o lazer noturno e o conjunto de práticas sociais, com reestruturações que alcançam a vida pública em um processo de ocupar a cidade. Ao observar o uso e apropriação da cidade à noite, é notável o modo como as atividades se tangenciam, impactam a configuração urbana e a economia e interferem nas relações sociais, nas práticas de trabalho e lazer. A partir disso, os espaços públicos devem então ser percebidos por sua interação com a cidade que se inicia ao anoitecer. Como um ponto de discussão, é essencial aprofundar quais as influências que os usos nos espaços públicos em si podem ter sobre as cidades, invertendo o olhar sobre o tema.

Nesse sentido, estudos futuros podem buscar compreender se os espaços públicos nas cidades funcionam apenas como um espaço de circulação para conectar as práticas noturnas ou se estabelecem a permanência por seus atributos, de desenho, disposição de mobiliário e equipamentos, por exemplo, sem necessariamente depender de outras práticas. A partir dessa perspectiva, poderá investigar os conflitos desse uso em meio a áreas residenciais, uma vez que essa questão não foi aprofundada pelos autores estudados e é crescente o incentivo para que as cidades possibilitem e conduzam o uso misto.

No geral, as discussões permeiam as regiões centrais das cidades, na maior parte por sua representatividade histórica, socioeconômica e espacial, ficando a brecha quanto à abordagem de outras áreas dentro do tecido urbano.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, T. (2004). Geografias da Noite: Fazer Geografia Através da Luz. Centro de Estudos Geográficos de Lisboa: Extramuros, Almada.
- CARVALHO, L. B. (2016). Poluição luminosa x poluição urbana: o desperdício gerado pela cultura do medo. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, Campus Recife.
- COLABORATÓRIO, G. I. (2014). Manifesto da noite. São Paulo: Invisíveis Produções.
- COLCHETE FILHO, A. et. al. (2013). Comércio noturno em Juiz de Fora/MG: dinâmicas do espaço público e da vida urbana. CINCCI- IV Colóquio Internacional sobre o Comércio e Cidade: Uma relação de origem. Uberlândia.
- DERZE, F. (2014) Cidade à noite: iluminação artificial e modernidade. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília.
- DIAS, C. C. S. (2017). Práticas socioespaciais e processos de resistência na grande cidade: relações de solidariedade nos bairros populares de Salvador. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociência, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- FERREIRA, W. E. (2016). Apropriação de espaços públicos para território noturno recreativo em Ituiutaba-MG. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. São Luís, 24-30 julho.
- FURQUIM, K. G. (2016). Lugares boêmios de Brasília. Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo-IV ENANPARQ, Porto Alegre, 25-29 Julho.
- GEHL, J. (2013). Cidade para Pessoas. São Paulo: Perspectiva.
- GÓIS, M. P. F. (2010). Cenários Noturnos: sobre a espacialidade e os significados da iluminação urbana na área central da cidade do Rio de Janeiro. Revista de geografia (RECIFE). 27, 40-52. — (2011). Luzes na Cidade: sobre as Paisagens Luminosas e os Cenários Noturnos da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, 1, 117-127. (2014). A gestão da noite urbana carioca: entre discursos sobre ordem urbana e práticas socioeconômicas. Rio de Janeiro. Sociedade & Natureza. (UFU. Online), 26, 221-235. (2018). Espaços públicos e vida noturna. Rio de Janeiro. Revista geografares (Rio de Janeiro), 26, 69-85. (2018). Mobilidade noturna: estudo sobre os circuitos urbanos noturnos na cidade do Rio de Janeiro. UNIVERSITAS HUMANISTICA, 85, 263-291.
- GWIAZDZINSKI, L. (2005). La Nuit, Dernière Frontière de la Ville. La Tour-d'Aigues: l'Aube.
- IANNICELLI, A. C. P. (2016). A cidade noturna: caracterização dos hábitos noturnos em bairros de classe média do Recife. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Centro de Artes e Comunicação– Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- JACOBS, J. (2007). Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes.
- MASCARÓ, L. (2009). A iluminação de espaços urbanos. Porto Alegre: Masquatro Editora.
- MIGUEZ, J. C. (2005). A iluminação da arquitetura e seu impacto sobre a cidade: L'Urbanisme Lumière x City Beautification. Revista Lume Arquitetura (São Paulo), 3, 4-8.

MONTEIRO, M. M. R. B. (2018). Quando a rua entra em casa: "night out" e "time out" em Lisboa. Tese (Doutorado em Estudos Urbanos) – ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.

Fontes eletrônicas

<https://www.nexojournal.com.br/reportagem/2020/01/14/Se-a-cidade-fosse-minha-o-direito-%C3%A0-mobilidade-%C3%A0-noite>. (consulta: 22/01/2020)